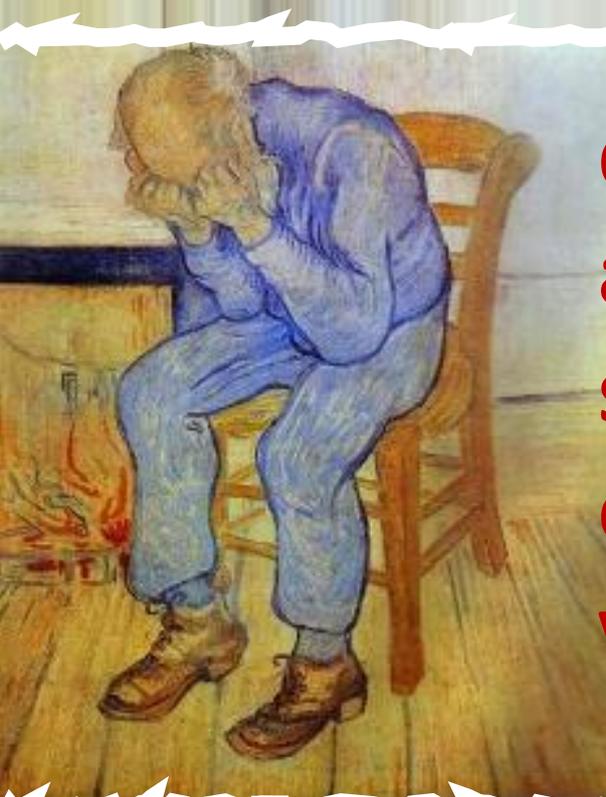


# O enfrentamento do sofrimento psíquico na Pandemia:



diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

Fundação Oswaldo Cruz



[ACCESSO À PUBLICAÇÃO](#)



**IdeiaSUS**

Banco de Práticas e Soluções em Saúde e Ambiente



MEMÓRIA DA REFORMA PSQUIÁTRICA NO BRASIL



## Encontros e Memórias: Loucura na rede

---

Ariadne de Moura Mendes

Na semana anterior ao decreto do isolamento, o Ponto de Cultura Loucura Suburbana viveu uns dias bastante agitados – o que, aliás, não era incomum. Era dia 11 de março, uma quarta-feira, e receberíamos a visita dos novos residentes em saúde mental, além de estarmos envolvidos com reuniões da comissão de patrimônio e parcerias do projeto institucional da criação de um novo museu, o Museu da Psiquiatria ou o da História da Saúde Mental, do Instituto Nise da Silveira. O dia seguinte, momento da Oficina de Percussão, pela manhã, e de Oficina Livre de Música, à tarde, foi dedicado a organizar o Ateliê de Adereços e Fantasias e o Barracão, que ainda refletiam os dias intensos de preparação e dos empréstimos das fantasias – afinal, tínhamos voltado do recesso pós-desfile há alguns dias, no dia 2 de março.

Nosso 20º desfile tinha ocorrido no dia 20 de fevereiro de 2020. Celebramos muito essa profusão de vintes. O Cyber, que oferece acesso gratuito à internet, funcionou normalmente com a presença dos usuários dos serviços de saúde mental e dos alunos do Clube Escolar. Durante todo o dia, uma parte da equipe trabalhou na elaboração do projeto que seria enviado para concorrer ao edital da Secretaria Municipal de Cultura de Circulação de Música, nas lonas, arenas e areninhas culturais. Estávamos empolgados, queríamos gravar mais um CD com os sambas campeões de 2012 a 2020 e fazer um show de lançamento no teatro do Parque de Madureira, no fim de novembro. Tínhamos que correr com o projeto, para entregá-lo no dia 16 de março. O dia 12 de março foi nosso

último dia de trabalho presencial. Muitas vezes trabalhamos de casa, no fim de semana, mas naquela segunda-feira, 16, quando conseguimos enviar o projeto, iniciava-se uma nova era para o Loucura.

Acho que ficamos meio em estado de choque nos primeiros dias. Talvez um gosto de descanso, quase férias, que inicialmente o isolamento provocava. Ao mesmo tempo, insegurança, medo e esforço para entender e se adaptar à nova realidade foram sentimentos vivenciados pela equipe nos primeiros dias. Parada no tempo, no espaço, na dinâmica das relações.

Mas essa realidade começou a se impor e o Ateliê foi acionado para a confecção de máscaras de tecido para usuários e servidores do Nise da Silveira, tendo início uma mobilização a distância, envolvendo setores do Nise, a coordenação e frequentadoras do Ateliê, moradoras do bairro do Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro, estabelecendo-se uma rede solidária que se responsabilizou pela produção de mais de mil máscaras.

Essa foi a primeira rede pós início da pandemia. O que acontece depois é a descoberta e a imersão no mundo virtual. Iniciamos pelas reuniões de equipe, ainda tateando o mundo desconhecido das plataformas que foram ficando mais amigáveis, gratuitas e mais acessíveis com o tempo e enfrentando as limitações dos aparelhos de muitas pessoas da equipe, que apresentavam pouca capacidade de manter as conexões e que, por isso, não conseguiam ficar presentes o tempo todo ou ficavam só com voz, porque a imagem não funcionava. Apesar dessas limitações, esses encontros regulares da equipe foram – e são até hoje – importantes elementos de sustentação dos vínculos afetivos e de trabalho,

permitindo que mantivéssemos a prática rotineira da construção coletiva das nossas atividades, desta vez desafiada a inventar algo novo.

E é aí que surge a ideia de promover encontros através de recurso que vinha começando a ser amplamente utilizada, as lives. Há muito tempo pensávamos em conseguir dar uma parada na intensidade de nossas atividades, para nos dedicar mais a alguns projetos que registrassem a história do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana. Um dos quais já tinha tido um começo quando colhemos depoimentos de algumas pessoas ligadas ao carnaval, ao bairro do Engenho de Dentro e à instituição psiquiátrica – o Instituto Municipal Nise da Silveira –, dentre eles alguns personagens emblemáticos da história do samba carioca.

A primeira live, Loucura na Luta, realizada no dia comemorativo do Dia Nacional da Luta Antimanicomial, reunindo pessoas ligadas ao Loucura Suburbana e, também, à saúde mental, só fez demonstrar que o início de um projeto de memória começava e que a via virtual representava um facilitador dos encontros. Encontros também com pessoas que já foram muito próximas e que estavam fisicamente distantes no espaço e no tempo. E assim foi concebida uma programação regular de lives, algumas com caráter mais acentuado de depoimentos de trajetórias com papéis mais marcantes na fundação e na construção do Loucura, tanto bloco quanto ponto de cultura. Esses agradáveis encontros têm contribuído não só para tornar pública a história e seus personagens, mas para que a própria equipe a conheça mais, em detalhes. Principalmente, para que todos nós a revivamos – afinal, recordar é viver. A utilização de várias plataformas e seu manejo para a realização dos

encontros virtuais representou também desafios para a equipe e a oportunidade de novos aprendizados.

As lives realizadas até agora passaram pela história da fundação do Bloco Loucura Suburbana, da constituição do Ateliê de Adereços e Fantasias, pelas trajetórias e importância das oficinas musicais do Loucura – de percussão e livre de música –, e podem ser revistas no canal do Loucura Suburbana no Youtube. Com esse conjunto de encontros e memórias, fomos percebendo que continuamos o movimento de juntar pessoas com música, carnaval, criatividade e alegria, desta vez colocando o bloco nas redes sociais. Houve, inclusive, participação dos foliões e foliãs internautas numa votação para escolher a ordem de apresentação das últimas três lives.

O desafio da sustentabilidade, constante na vida do dia a dia do Loucura Suburbana, uniu-se dessa vez à necessidade de reinvenção das propostas de participação em editais públicos. Representou um verdadeiro e agradável laboratório de ideias a concepção de três projetos virtuais de membros da equipe para concorrer a um edital público de auxílio aos fazedores de cultura: um vídeo arte com poesias da autora deste artigo; uma oficina de percussão, A Insandecida em Casa; e uma editora virtual, A Encantarte Virtual. Infelizmente, apenas a oficina foi contemplada e realizada. Esse desafio da sustentabilidade continua a ocupar a equipe na busca de financiamentos e apoios que garantam a continuidade do trabalho.

Para entender por que estamos conseguindo passar por esse momento de distanciamento social e, em muitos casos, de isolamento mesmo, mantendo a equipe unida e com boa estabilidade

emocional, é interessante apresentarmos brevemente a história, a estrutura e a prática de anos de funcionamento do Loucura Suburbana.

O Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana foi criado no Instituto Municipal Nise da Silveira, em 2001, quando realiza seu primeiro desfile reunindo usuários, familiares e funcionários da rede pública de serviços de saúde mental, além de moradores do bairro do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro, onde se situa a unidade. Sua criação foi coletiva, envolvendo atores de diversos serviços, não só da instituição, mas de outras, além da comunidade, e representou o protagonismo da saúde mental ao romper os muros do hospício, levando para a cidade seu primeiro bloco de carnaval em saúde mental, além de ter tido o importante papel de revitalizar o carnaval de rua do Engenho de Dentro, potente no passado, mas que naqueles anos não estava existindo mais.

Em 2009, torna-se o primeiro ponto de cultura em saúde mental da cidade o Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia, com apoio da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro. A partir daí, começa a oferecer oficinas gratuitas, permanentes, abertas à população em geral, ligadas ao carnaval e ao samba, incorporando mais tarde outros dois projetos, a Escola de Informática Nise da Silveira e a Encantarte Editora.

É importante destacar que toda a construção do Loucura foi feita com a participação de usuários dos serviços de saúde mental que compõem, desde sempre, a equipe, participando das decisões, já que nossa gestão é coletiva e horizontalizada. O Loucura cria espaços de integração com a população e inaugura uma forma peculiar de lidar

com a loucura: através da cultura e arte, sim, mas também do trabalho – somos uma equipe de trabalho que bota o bloco na rua, que produz cultura.

A relação cotidiana de trabalho e os espaços para expressão, criatividade e acolhimento das diferenças permitem desenvolver potenciais, revelar talentos e habilidades, fazendo com que as pessoas com sofrimento mental adquiram novas identidades, que se constituam como sujeitos de sua própria história, que a reescrevam como cidadãos, abandonando a identidade estigmatizada do louco, introjetada durante anos pelo preconceito da sociedade com relação à loucura, e que ganhem a cidade.

A construção de uma história coletiva, simultaneamente à construção e reconstrução de histórias individuais, gera contínuos movimentos de ressignificação de vidas e consolida uma prática democrática do viver. É uma chance continuar, na rede, a construção dessa história, de agregar e aprofundar histórias que correm o risco de ficar esquecidas ao longo de tantos anos do nosso existir. Reviver a história do Loucura é mantê-la viva e continuar dando sentido às existências individuais dentro do coletivo, das relações que compõem o coletivo.

Essas relações, os vínculos afetivos em ligação permanente, o desenvolvimento criativo e o que foi introjetado e produzido durante anos pelos frequentadores do Loucura representam uma estrutura que tem servido de base para que os usuários de saúde mental, assim como toda a equipe, enfrentem saudavelmente a impossibilidade de estarem juntos fisicamente nas atividades habituais, bem como as ameaças constantes do desmonte da política de saúde mental

construída pela Reforma Psiquiátrica brasileira.

Antes, sim, no aglomerado de seres indiferenciados, sem nome, de um hospício cruel, era o isolamento. Agora é o isolamento vivido sem angústia com o desafio de ser suportado, de ser transposto, de ser reconstruído, de ser colorido.

Para finalizar segue o depoimento de nossa porta-bandeira, Elisama Arnaud:

*“Se eu tenho hoje conhecimento, foi devido ao curso de informática, e ficou muito aguçado em mim. E isso é uma base que fica para a vida toda. Com ele eu posso mexer na internet, no celular, fazer lives, me desembaraçar. Por causa disso, eu tenho um emprego. E o Ponto de Cultura, na epidemia, me ajudou a me orientar na questão da máscara, ter que ficar em casa. Isso me ajuda bastante, porque estou sempre me comunicando com vocês. Estou sobrevivendo sem ficar doente de novo, sabendo orientar minha família. O Ponto de Cultura me ajudou a ser positiva, não negativa, a aprender a olhar para o futuro. Estou sendo produtiva, pintando, estou escrevendo, cuidando de mim, procurando um futuro melhor. Sinto-me empoderada, porque pago minhas contas, compro minha comida... Antes eu era uma dona de casa, agora sou uma mulher, me respeito, gosto de mim, me aceito do jeito que eu sou, não fico me julgando, dizendo que eu não consigo. Agora eu consigo, eu vou em frente. Eu sei os meus direitos, eu agarro ali, com unhas e dentes, e me defendo. Antigamente, eu não conseguia nada disso e quem me ensinou tudo isso foram vocês. Vocês seguraram na minha mão e disseram ‘vai’, e eu fui”.*